ISSN: 2674-9270
Volume. 7, n. 1, jan./jul. 2025

ARTIGO

Recital
Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

Mulheres em Torto Arado: educação, resistência e protagonismo no contexto rural

Mônica Araújo Santos
Universidade do Estado da Bahia
E-mail: monicaaraujotn@gmail.com

Valquíria Dias de Almeida
Universidade do Estado da Bahia
E-mail: vda.dias1506@gmail.com

Luiz Artur dos Santos Cestari
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
E-mail: luiz.cestari@uesb.edu.br

DOI: *https://doi.org/10.46636/recital.v7i1.668*

Recebido: *31 Mar. 2025*
Aceito: *20 Mai. 2025*

Como citar este artigo: SANTOS, Mônica Araújo; DIAS, Valquíria de Almeida; CESTARI, Luiz Arthur dos Santos. Mulheres em Torto Arado: educação, resistência e protagonismo no contexto rural. **Recital - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG**, v. 7, n. 1, p. 153–173, 2025. DOI: 10.46636/recital.v7i1.668. Disponível em: https://recital.almenara.ifnmg.edu.br/recital/article/view/668.

Está obra está licenciada sobre uma Creative Commons Attribution 4.0 International License. Nenhuma parte desta revista poderá ser reproduzida ou transmitida, para propósitos comerciais, sem permissão por escrito. Para outros propósitos, a reprodução deve ser devidamente referenciada. Os conceitos emitidos em artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Mulheres em Torto Arado: educação, resistência e protagonismo no contexto rural

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar como a representatividade feminina se manifesta no livro *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, e de que modo ela pode contribuir para compreender a relevância social das mulheres no contexto rural e educacional. Para tanto, adota-se, como metodologia, a pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa. O referencial teórico apoia-se em Agamben (2009), Tatar (2022), Cândido (1985), Duarte (2010), Foucault (2023), Freire (2004) e Bourdieu (2004). Assim, o caminho traçado visa a depreender o papel das protagonistas Bibiana e Belonísia para a narrativa, interpretando suas trajetórias como reflexo das experiências reais de mulheres do campo e da educação. Embora atuem de formas distintas, ambas as personagens demonstram igual importância tanto no âmbito familiar quanto no espaço social, especialmente na comunidade de Água Negra, onde atuação delas adquire dimensão coletiva. Complementarmente, realiza-se também uma revisão de literatura não sistemática, com o intuito de identificar produções acadêmicas que dialoguem com o tema e contribuam para o aprofundamento da análise proposta. Desse modo, este trabalho não apenas visualiza essa representatividade, mas também promove um despertar à valorização da mulher camponesa em esferas educacionais, sociais e culturais, reconhecendo-a como sujeito histórico e agente transformadora de sua realidade.

Palavras-chave: Torto Arado; Literatura; Representatividade Feminina; Educação do Campo

Women in Torto Arado: education, resistance and protagonism in the rural context

ABSTRACT

This study aims to analyze how female representation is manifested in the book Torto Arado, by Itamar Vieira Junior, and how it can contribute to understanding the social relevance of women in the rural and educational context. To this end, bibliographic research with a qualitative approach is adopted as a methodology. The theoretical framework is based on Agamben (2009), Tatar (2022), Cândido (1985), Duarte (2010), Foucault (2023), Freire (2004) and Bourdieu (2004). Thus, the path outlined aims to infer about the role of the protagonists Bibiana and Belonísia in the narrative, interpreting their trajectories as a reflection of the real experiences of women in the countryside and education. Although they act in different ways, both characters demonstrate equal importance both in the family and in the social space, especially in the community of Água Negra, where their actions acquire a collective dimension. In addition, a non-systematic literature review is also carried out, with the aim of identifying academic productions that dialogue with the theme and contribute to the deepening of the proposed analysis. In this way, this work not only visualizes this representation, but also promotes an awakening of the appreciation of peasant women in educational, social and cultural spheres, recognizing them as historical subjects and agents of transformation of their reality.

Keywords: *Torto Arado*; Literature; Female Representation; Rural Education.

INTRODUÇÃO

A importância da mulher na sociedade tem ganhado maior reconhecimento nas últimas décadas. Esta pesquisa parte do propósito de visualizar e reconhecer o protagonismo feminino na literatura, especialmente na obra Torto Arado, escrita por Itamar Vieira Junior. Dessa forma, direcionamos nosso estudo a partir da história de duas personagens centrais do livro: Bibiana e Belonísia. Esse recorte torna-se necessário tendo em vista que a obra apresenta, em sua narrativa, várias personagens femininas com grande representatividade para a comunidade de Água Negra. No entanto, centramos nossa análise nas personagens no intuito de compreender de que forma a luta da mulher do campo é representada nas vivências e atos de Belonísia, assim como de que modo a luta da mulher enquanto professora, conhecedora de seus direitos, se reverbera nas ações e escolhas de Bibiana e na comunidade em que vivem.

A questão norteadora desta pesquisa consiste em analisar como o protagonismo feminino se manifesta no romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, especialmente a partir das trajetórias de Bibiana e Belonísia, e como esse protagonismo pode ser articulado à representatividade social das mulheres do campo e da educação. Nesse sentido, entende-se protagonismo como a atuação ativa e transformadora das personagens na narrativa e em seu contexto sociocultural, enquanto representatividade refere-se à forma como essas mulheres são simbolicamente construídas e reconhecidas como parte de um coletivo historicamente marginalizado. Essa problemática se desdobra, ainda, em questões adicionais, como as formas de trabalho e resistência protagonizadas por essas mulheres, os modos de construção de suas identidades e as implicações sociais e educativas de suas vivências enquanto sujeitos históricos e sociais.

A obra literária em questão é dividida em três partes, sendo elas: “Fio de Corte”, “Torto Arado” e “Rio de Sangue”. Traduz a realidade do povo negro residente em uma comunidade quilombola conhecida como Água Negra, localizada na região da Chapada Diamantina. Trata-se de descendentes de escravizados que tiveram seus direitos a terra negados, razão pela qual saem de seus lugares de origem à procura de terras para produzir e garantir a sobrevivência. As famílias são recebidas na fazenda do novo local com autorização para construir uma moradia, porém com a restrição de que seja feita apenas de barro, nunca de alvenaria, estabelecendo-se, assim, limites claros para a permanência desses sujeitos naquelas terras.

Itamar Vieira Junior tem se destacado no Brasil com a obra *Torto Arado*, após vencer prêmios importantes em Portugal, como o Prêmio Leya em 2018, e os prêmios nacionais Oceanos e Jabuti de Romance Literário, ambos em 2020. O escritor e geógrafo conseguiu alinhar seu conhecimento literário e acadêmico com as diferentes narrativas que ouviu no âmbito familiar com seu pai e, posteriormente, nas suas andanças pela região da Chapada Diamantina, durante seu trabalho no INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) junto aos moradores do local que preservam vivas suas histórias e as de seus antepassados na memória.

Nesse contexto, compreendemos a importância da produção literária de Itamar Vieira Junior como uma medida de desvelamento de uma realidade social através da ficção. Assim, é possível tomar o autor como um contemporâneo de seu tempo, ao propor reflexões sobre as relações humanas em contextos adversos, atravessadas pela negligência do poder público e pelas próprias dinâmicas sociais. Dessa forma, através de seu olhar atento e sensível para seu entorno, ele não só investiga, mas também transpõe em literatura seu contexto, enquanto

“percebe o escuro de seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo [...]” (Agamben, 2009, p. 64).

Com o propósito de responder à questão norteadora dessa pesquisa, temos, como objetivo geral de: compreender como a representatividade feminina no livro *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior (2019), serve de paradigma para o reconhecimento da relevância social das mulheres no campo e na educação. Para tanto, os objetivos específicos contemplam: analisar as representações das personagens femininas Belonísia e Bibiana no romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, com ênfase em suas identidades, vivências e lutas no contexto rural; investigar de que forma as narrativas sobre essas personagens refletem a realidade social e cultural das mulheres no campo, com destaque para aspectos como trabalho, resistência e poder; avaliar a importância da representatividade feminina no contexto rural, conforme abordada na obra, para uma compreensão crítica das questões de gênero, educação e protagonismo feminino no campo.

Em síntese, a análise das personagens femininas no romance *Torto Arado* permite um aprofundamento crítico sobre a realidade social e cultural das mulheres no campo, revelando não apenas suas identidades, mas também as dinâmicas de resistência e poder que permeiam suas vivências. Através da representatividade feminina apresentada na obra, é possível observar como questões de gênero, educação e protagonismo no meio rural ganham relevo, contribuindo para uma compreensão mais abrangente e crítica dos desafios e conquistas dessas mulheres. Dessa forma, o estudo evidencia a relevância de abordagens literárias na construção de uma percepção mais sensível e inclusiva sobre as complexidades das vidas das mulheres no contexto rural brasileiro.

A identificação com diversos aspectos da obra *Torto Arado*, conjuntamente com o fato de a autora ser uma mulher de origem campesina, foram fatores substanciais para a escolha das personagens e de suas experiências como foco para o desenvolvimento deste estudo. Apesar de o espaço geográfico não ser o mesmo, as relações narradas na obra se assemelham bastante àquelas vivenciadas em outras regiões da Bahia, especialmente no Território de Identidade do Sertão Produtivo (Tanque Novo, Guanambi, Caculé, Brumado, Caetité, entre outros), região onde resido. Nesse sentido, é como mulher do campo e futura professora de Língua Portuguesa desse território que consigo estabelecer uma relação de encantamento e sintonia com os elementos presentes na obra *Torto Arado*.

Compreendendo a literatura como um "produto social", conforme conceitua Cândido (1985, p. 19), é possível inferir que essa identificação advém da capacidade da literatura de externar a vivência humana, considerando os recortes temporais, geográficos e culturais. Assim, ao observar esses processos, é natural que o indivíduo construa associações com sua própria realidade e identidade. Este estudo não se aprofunda na perspectiva racial, mesmo reconhecendo que se trata de existências de mulheres negras. São selecionados elementos para análise por uma ótica particular, que centraliza o foco nas mulheres retratadas a partir de suas ações no campo e na educação. Por isso, configura-se um caminho diferente, mas igualmente relevante, considerando o significado tanto individual quanto coletivo produzido a partir dessa análise.

Todavia, conforme Duarte (2010), é necessário situar a produção literária de Itamar Vieira como uma literatura afro-brasileira. Por conseguinte, Duarte (2010) se engaja no intuito de definir essa literatura e, por isso, estabelece cinco elementos que precisam necessariamente estar presentes para que lhe seja atribuída essa denominação, a saber: a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público. Duarte (2010) defende que

esses aspectos não podem ser pensados individualmente, mas a partir da interação entre eles. Luiza Lobo evidencia com clareza e de forma assertiva essa literatura afro-brasileira:

> Poderiamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo) (Lobo, 2007, *apud* Duarte, 2010, p.119-120).

Tendo como parâmetro o papel social de Vieira Junior, pode-se depreender que a obra *Torto Arado* é construída por um sujeito negro, que assume sua responsabilidade social ao pensar numa ficção que denuncia uma realidade vivenciada, por meio de uma linguagem muito própria do lugar de onde se fala e voltada para a consciência de um público atravessado por um passado colonizador. Essas discussões empreendidas têm por intento fixar a ideia de um autor que dialoga, a partir de uma "escrita ficcionada", com a sociedade, buscando, através da literatura, desnudar a história do seu povo (Pires Bastos, 2022, p. 743).

São evidentes as mudanças relacionadas ao papel da mulher em nosso meio social. Dessa forma, compreendendo o compromisso entre a academia e a comunidade, este estudo utiliza a obra *Torto Arado* como objeto de análise para evidenciar como as mulheres têm traçado novos caminhos e conquistado novos espaços em diferentes contextos. Observa-se que, tanto na realidade quanto na ficção, suas histórias ganham um novo olhar e novos caminhos são delineados nas produções literárias. Assim, esta pesquisa parte da premissa de investigar essas participações ativas, tanto no contexto rural quanto na educação, para dar visibilidade e voz às mulheres do sertão, que, por serem frequentemente marginalizadas e estigmatizadas, têm sua importância negligenciada em diversas esferas.

A partir de um levantamento das discussões sobre o tema, verificou-se que existem estudos que refletem sobre o protagonismo das mulheres em *Torto Arado*. Contudo, esses estudos tratam a obra principalmente sob a perspectiva da ruptura da representação feminina como coadjuvante em produções literárias. Observa-se, então, uma lacuna em relação à mulher campesina e educadora. Desse modo, este estudo busca preencher essa lacuna, refletindo não apenas sobre essa representatividade que é colocada por Itamar Vieira Junior no âmbito literário, mas também evidenciando como as mulheres do campo e da educação estão sendo representadas a partir do lugar que ocupam e das ações que desempenham, ou seja, quando estabelecem formas de luta extremamente potentes no seu dia a dia, sendo elas garantidoras, muitas vezes, de condições mais dignas para o seu povo.

É sabido que as discussões sobre o papel da mulher têm avançado em diferentes níveis da sociedade. Entretanto, os debates que alcançam a capital nem sempre têm a mesma força no âmbito rural. As mulheres do campo, embora não vivam necessariamente as mesmas circunstâncias de períodos históricos passados, continuam a enfrentar diversas formas de violência e silenciamento. Essa realidade é amplamente decorrente dos baixos níveis de escolarização que ainda marcam significativamente a realidade das mulheres no meio rural. De acordo com dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (Brasil, 2024), apenas 13% das mulheres com mais de 10 anos de idade residentes em áreas rurais concluíram o ensino médio, e somente 2% atingiram o nível superior. Além disso, 19% possuem apenas um ano de estudo, enquanto 17% têm menos de um ano ou nunca frequentaram a escola, evidenciando a persistência de barreiras históricas no acesso à educação formal, o que pode resultar na desinformação sobre seus direitos.

Apesar desse cenário adverso, as mulheres do campo enfrentam a realidade com coragem. Elas constroem, dentro de suas casas, ambientes com valores definidos que atravessam gerações, e estabelecem redes de solidariedade que fortalecem a comunidade no enfrentamento das adversidades. Nesse contexto, torna-se pertinente evidenciar essas mulheres e suas lutas, correlacionando-as às vivências da personagem fictícia Belonísia, dada sua relevância para a sociedade.

Em um mundo permeado por privilégios e injustiças, a educação surge como a alternativa mais viável para transformar a realidade. Constata-se um forte movimento de novas gerações que saem de suas comunidades em busca de formação acadêmica e independência financeira, visando a uma vida mais digna. Dados do Censo da Educação Superior 2023 mostram que as mulheres representam 59,1% das matrículas no ensino superior brasileiro. Nos cursos de licenciatura, esse percentual é ainda mais expressivo: 73,9% das matrículas e 75,1% dos ingressantes são do sexo feminino (INEP, 2023).

Ao trilhar esse caminho, elas possuem novas possibilidades de construírem suas identidades e saberes, além de projetarem ações concretas com o intuito de promover mudanças reais em seu contexto. Ao refletir sobre Bibiana, pensa-se nessa educadora de nosso tempo que, inconformada com sua realidade, utiliza o conhecimento adquirido para moldar um novo lugar, mais justo e com direitos assegurados.

Diante dos aspectos mencionados, torna-se evidente a relevância deste estudo para pensar a luta das mulheres em seus respectivos contextos sociais e a importância de fomentar mais discussões dessa natureza no ambiente acadêmico. Conduzir pesquisas com esse enfoque permitirá que as mulheres, especialmente as do meio rural, reconheçam suas contribuições para suas comunidades. Além disso, oferece uma nova perspectiva sobre a função da professora, que, insatisfeita apenas com a alfabetização, utiliza o conhecimento como ferramenta de luta por direitos.

METODOLOGIA

As leituras e análises desenvolvidas partem do objetivo de compreender integralmente a história de luta de Bibiana e Belonísia. Para tanto, foram selecionados fragmentos da obra analisados à luz de teóricos e estudiosos que, direta e indiretamente, possibilitam uma abordagem relevante e dialogada com a realidade, a saber: literatura e sociedade (Cândido, 1985), literatura contemporânea (Agamben, 2009), protagonismo feminino (Tatar, 2022), literatura afro-brasileira (Duarte, 2010), educação transformadora (Freire, 2004) e poder simbólico (Bourdieu, 2001, 2024), como o poder é exercido nas relações sociais cotidianas (Foucault, 2023).

Este estudo foi desenvolvido em duas frentes metodológicas complementares. A primeira consiste na análise interpretativa do romance Torto Arado, de Itamar Vieira Junior, à luz de autores referenciais como Agamben (2009), Cândido (1985), Duarte (2010), Freire (2004), Foucault (2023), Bourdieu (2001, 2024) e Tatar (2022), cuja contribuição teórica possibilita uma leitura crítica das personagens, de suas trajetórias e dos elementos socioculturais presentes na narrativa. A segunda frente diz respeito à revisão de literatura, construída a partir da busca, seleção e análise de estudos acadêmicos que abordam a representatividade feminina na obra em questão, especialmente sob a perspectiva da mulher do campo e da educação. Essa divisão metodológica permite uma articulação entre teoria, leitura literária e produção científica já existente, o que contribui para a fundamentação e a originalidade da análise proposta.

A metodologia adotada neste estudo é a pesquisa bibliográfica, caracterizada por Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 59) como um processo que busca "explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses," com o objetivo de construir, mediante leituras reflexivas, uma análise dos diferentes aspectos relacionados ao objeto investigado. Assim, não apenas a investigação da obra *Torto Arado* recebe esse direcionamento, mas também os materiais fundamentais que dialogam com o tema proposto.

Segundo Gil (2010, p. 45), a pesquisa bibliográfica é construída por meio de algumas etapas elementares ao fazer científico. O autor define essas etapas da seguinte maneira: “a) escolha do tema; b) levantamento bibliográfico preliminar; c) formulação do problema; d) elaboração do plano provisório de assuntos; e) busca das fontes; f) leitura do material; g) fichamento; h) organização lógica do assunto; e i) redação do texto”. Conforme discorre o autor, o estudo de natureza bibliográfica precisa ser construído seguindo essa estruturação, mas também deve estar em consonância com o conhecimento temático e a intencionalidade do respectivo autor.

Seguindo a configuração proposta por Gil, a “escolha do tema” partiu de reflexões sobre o lugar ocupado e do interesse pessoal em tratar de questões referentes às mulheres de maneira contextualizada com as vivências pessoais, materializadas no campo e na educação. Realizou-se, então, um levantamento bibliográfico para detectar as produções literárias e acadêmicas que dialogavam com a proposta deste trabalho, algumas das quais serão exploradas na revisão de literatura. Nas etapas seguintes, foram realizadas as leituras e os fichamentos que serviram de base para refletir teoricamente sobre as relações propostas por esta pesquisa e conduzir à organização estrutural e posterior construção do estudo.

A pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa, desenvolvida numa perspectiva transdisciplinar, visando a obter uma compreensão mais significativa dos aspectos abordados na obra. Dessa forma, como atesta Chizzotti (2003, p. 221), busca-se, por meio desse caminho metodológico, “[...] tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles.” Acrescenta-se a isso a leitura interpretativa, utilizada para realizar as correlações necessárias e estabelecer, de forma circunstanciada, a intencionalidade do estudo a partir dos resultados construídos após a análise das mudanças e permanências no que tange à luta dessas mulheres em suas relações cotidianas.

O estudo propõe uma análise das vivências e experiências dessas mulheres em Água Negra. Assim, os fragmentos retirados para análise aludem a ações e intervenções dessas personagens em momentos decisivos e importantes da narrativa, nos quais se pode perceber seu protagonismo e importância para a comunidade. Narrada a partir da perspectiva de duas mulheres, a obra *Torto Arado* torna-se um campo rico de discursos a serem explorados para diferentes investigações. Ao observar a personagem Belonísia, percebemos um caminhar pautado em uma relação íntima com a terra, com a família e sua comunidade. Dessa maneira, em um processo relacional, analisamos como a personagem constrói sua identidade em um contexto de dificuldades e enfrentamentos, ou seja, pensamos sua interação e como isso forjou e moldou seus comportamentos e posicionamentos naquele espaço.

Enquanto Belonísia construía sua vivência de modo eminentemente rural, Bibiana constrói uma história atravessada por lutas que transcendem esse espaço, estendendo-se também às relações de trabalho fora da fazenda e ao âmbito educacional. Impulsionada pelo ardente desejo de transformação daquele lugar, nutrido por seu companheiro Severo, ela foge

da fazenda e se constitui politicamente a partir de sua formação como professora. Ao se engajar politicamente em movimentos sindicais, ambos constroem a percepção da relação de exploração vivenciada em Água Negra pelo povo negro e retornam à sua terra em busca de condições dignas de trabalho e existência. Após o assassinato de Severo, Bibiana lidera a luta e concretiza mudanças significativas através de seu enfrentamento.

Dados atuais apontam a relevância de analisar essas mulheres do campo, considerando sua importância em diferentes tempos históricos. Em 2023, foi criado o Observatório Mulheres Rurais do Brasil pela pesquisadora Cristina Arzabe, em parceria com a Embrapa, a FAO e o Mapa, com apoio do IBGE. Por meio desse observatório, constatou-se que as mulheres campesinas têm desenvolvido, cada vez mais, ações de gerenciamento de estabelecimentos rurais no Brasil, com maior número na Bahia, conforme evidencia o gráfico abaixo:

Gráfico 01 – Número de estabelecimentos rurais dirigidos por mulheres



Fonte: Adaptado de Entre Solos – Semeando Conexões (2023).

Esse crescimento pode ser visto como reflexo de importantes avanços, como as políticas públicas voltadas à agricultura familiar, o fortalecimento das redes de mulheres rurais e a crescente conscientização sobre a importância da equidade de gênero. No entanto, apesar dos números animadores, é necessário intensificar os estudos que revelem as condições em que essas mulheres vivem e trabalham se têm acesso a crédito, apoio técnico ou participação efetiva nas decisões políticas que impactam suas vidas. Isso nos lembra de que, por trás dos dados, existem histórias marcadas por desafios e desigualdades que ainda precisam ser enfrentados com sensibilidade e compromisso real com a justiça social.

A crítica construída a partir da análise e interpretação dos discursos retirados da obra permitiu compreensões relevantes acerca das relações de raça, classe e gênero, sendo mais profundamente discutido este último marcado. Nesse sentido, como abordam Lakatos e Marconi (2017, p. 30), nesse momento, são feitas as ponderações classificadas como “crítica externa e interna” atravessadas por apreciações relativas ao objeto de análise. Assim, as inferências construídas partem de um caminho descritivo e reflexivo dessas ações, que perpassam tanto as relações rurais quanto as educacionais.

Esse percurso metodológico proporcionou as ferramentas indispensáveis para atender ao objetivo estabelecido nesta pesquisa. Posto isso, é válido frisar como estudos dessa natureza potencializam o olhar para a representatividade dessas mulheres e suas lutas no campo e na educação. A análise aqui realizada parte desse interesse de evidenciar como essas mulheres, cada uma a seu modo, constroem e desconstroem diferentes realidades e, por isso, precisam ter seu papel social reconhecido.

O fazer literário de Itamar Vieira Junior revoluciona-se ao retirar a mulher do lugar de coadjuvante, historicamente reservado na literatura, propondo um protagonismo que reflete seu verdadeiro papel no meio social. Portanto, a análise aqui empreendida confirma que *Torto Arado* oferece-nos importantes subsídios para situar a mulher e sua relevância, haja vista que sua abordagem do feminino possibilita pensar questões de gênero, educação e justiça social no espaço rural e educacional a partir de uma perspectiva até então pouco explorada.

REVISÃO DE LITERATURA

Neste tópico, apresentamos a investigação realizada por outros estudiosos, no período de 2019 a 2024, acerca da representatividade feminina na obra *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, com ênfase nas abordagens que dialogam com os contextos do campo e da educação. Trata-se de uma revisão de literatura de natureza não sistemática, cujo objetivo é mapear e analisar produções acadêmicas que discutem o protagonismo das mulheres na narrativa, especialmente a partir das experiências de personagens que representam a mulher rural e educadora.

Com isso, temos como objetivos identificar os aspectos mais recorrentes nas análises já publicadas, evidenciar lacunas na produção científica e estabelecer conexões entre diferentes perspectivas teóricas sobre a temática. Essa revisão também contribui para destacar a originalidade do presente estudo, ao propor uma leitura que articula as vivências de Bibiana e Belonísia com os processos de construção da consciência política, educacional e social das mulheres camponesas. Assim, esta etapa fundamenta teoricamente a investigação, amplia o repertório crítico e fortalece a consistência argumentativa do trabalho.

Essa revisão faz-se necessária, primeiramente, pela importância de se debruçar sobre os trabalhos já produzidos nacionalmente para estabelecer correlações que poderão enriquecer este estudo e, em segundo lugar, pela necessidade não apenas de certificar de que se trata de uma pesquisa inédita, mas também de situar os pontos que a diferenciam das demais aqui apresentadas.

Realizamos um levantamento bibliográfico com vistas a alcançar o estado do conhecimento, que Morosini (2015, p. 102) caracteriza como o processo de “identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica”.

Utilizamos como fonte de pesquisa a biblioteca eletrônica do Google Acadêmico. Como outros descritores não estavam oferecendo resultados alinhados à nossa proposta, optamos por focalizar a busca no seguinte descritor: “a representação da mulher na obra Torto Arado”. Nessa busca, foram encontradas teses, artigos e resumos expandidos. No entanto, selecionamos apenas artigos e teses com abordagens semelhantes ao que está sendo estudado, adotando como critério de seleção o caráter mais aprofundado de estudos dessa natureza. São eles: três artigos e uma tese.

Na tabela a seguir, apresentamos uma descrição do(a) autor(a), ano, título e tipo (artigo ou tese) das pesquisas selecionadas após a leitura dos resumos:

Tabela 01 – Produções acadêmicas selecionadas no Google Acadêmico, período de 2019 a 2024

Autor	Ano	Título	Tipo de publicação
LOPES, Maria Eduarda Negrão de Miranda	2022	O Protagonismo Feminino no Sertão Nordestino: Real e Ficcional em Torto Arado	Artigo
OLIVEIRA, Paloma Cardoso .	2022	O Sujeito Feminino no Romance Torto Arado	Artigo
RAMOS, Anna Paula Dionísio	2022	Representação de Mulheres no Romance 'torto Arado', de Itamar Vieira Junior	Artigo
COSTA, Camila Gonçalves .	2023	O Protagonismo Feminino em Torto Arado, de Itamar Rangel Vieira Junior	Tese

Fonte: Elaboração da própria autora, 2024.

A estratégia adotada visou a selecionar apenas as pesquisas que se relacionassem com a perspectiva adotada neste estudo. A partir da leitura dos resumos, concluímos que a leitura na íntegra seria necessária, pois percebemos que todas essas produções oferecem uma abordagem relevante, com as quais poderiam ser feitas associações para enriquecer a análise idealizada.

Lopes (2022) busca evidenciar a desigualdade de gênero presente no sertão nordestino, refletida em *Torto Arado*. Nesse sentido, destaca como é lento o processo de desconstrução das relações patriarcais nesse espaço em comparação com os grandes centros urbanos, acarretando uma intensificação da alegada superioridade masculina no meio rural.

Articulando o campo ficcional com o real, a autora denuncia a questão da violência de gênero, ainda muito recorrente na contemporaneidade, apresentando dados que descrevem essa realidade. Ao frisar os espaços para os quais a mulher sertaneja é comumente direcionada, a autora reflete sobre a contribuição da obra ao forjar uma "nova mulher sertaneja" descrita com autonomia e perseverança perante as adversidades.

Segundo Oliveira (2022), as mulheres subalternas retratadas em *Torto Arado* sofrem uma dupla opressão: de classe, por estarem inseridas em um sistema de exploração do trabalho rural; e de gênero, por viverem sob as estruturas patriarcais que limitam sua autonomia e voz. O artigo apresenta como a narrativa é permeada por situações que tendem a silenciar essas mulheres, ao passo que também ressalta a força das personagens em enfrentar os desafios para dar voz não apenas a si mesmas, mas também às suas ancestrais.

Ramos (2022) propõe refletir sobre a forma como a mulher é representada em *Torto Arado*, diferenciando essa representação do que tem sido comumente feito nos grandes cânones da literatura nacional. Assim, constrói sua análise evidenciando o distanciamento feito por Vieira Júnior dos estereótipos de "perfeição, submissão e fragilidade" (p. 11), ao traduzir a força dessas mulheres em suas atribuições cotidianas.

Costa (2023) aborda a representatividade feminina em *Torto Arado*, destacando pontos de suma importância em sua tese. A autora discute o potencial transformador da mulher pobre e marginalizada, que, por meio de sua luta, desconstrói no imaginário social as percepções que lhe atribuem rótulos de "ser passivo e incapaz de participar plenamente da

vida social, intelectual e política" (p. 50). Nessa perspectiva, aponta como Bibiana e Belonísia rompem com uma estrutura que as condiciona a determinados espaços e, por meio de suas ações, constroem novas relações e, consequentemente, suas identidades, que são moldadas não apenas por um processo individual, mas também forjadas pelo meio social em que estão inseridas.

A representatividade feminina na obra é tratada por Costa (2023) como "autêntica e abrangente", visto que as vivências e experiências dessas mulheres são transpostas para o texto literário a partir de suas próprias vozes. Dessa forma, visualizamos uma representação que, como afirma a autora, não busca apenas "refletir suas histórias pessoais, mas também transmitir as complexidades das experiências das mulheres rurais no sertão nordestino, como o serviço doméstico não remunerado; a luta contra a dominação masculina presente na história e as violências" (p.122). A autora traça uma conexão entre essas relações e as situações reais que afetaram e afetam as mulheres ao longo da história.

Dentre os trabalhos selecionados, o estudo de Costa (2023) estabelece uma relação mais próxima com o que pretendemos analisar. Sobre Belonísia, nota-se que a autora a enxerga como "uma personagem que representa a independência e a determinação feminina, desafiando as expectativas tradicionais de gênero ao optar por viver sozinha após a morte do marido e sustentar-se com a força do próprio corpo" (p. 158). Em relação à Bibiana, Castro a considera "uma das personagens centrais do romance, que representa a força da maternidade e da família, desempenhando um papel fundamental na preservação da história e da cultura de sua família, transmitindo tradições e histórias para as gerações futuras" (p. 166).

Diante do exposto, inferimos que o elemento diferenciador da nossa pesquisa é justamente o enfoque em trabalhar de forma mais detalhada como a profissão de professora orienta a construção da consciência e luta de Bibiana pelo chão de Água Negra; além de evidenciar como Belonísia constrói sua força com características particulares, representando o "estar no mundo" da mulher no campo, ao impor-se física, psicológica e emocionalmente nas questões da comunidade e na sua relação com a terra.

Entre o Silêncio e a Resistência: A Jornada de Belonísia

Na trajetória das personagens Belonísia e Bibiana, é possível identificar duas mulheres que seguem caminhos distintos, mas que, desde a infância, compartilham a luta pela sobrevivência e pela construção de uma existência digna. Belonísia, cuja língua foi mutilada em um trágico acidente na infância, representa uma forma de resistência que se manifesta por meio da imposição de seu corpo nas atividades de cultivo, no cuidado com o lar, na proteção de seus familiares e no apoio a vítimas de violência doméstica em sua comunidade, como exemplificado pela relação com Maria Cabocla.

A mutilação da língua de Belonísia não corresponde apenas a uma tragédia individual, mas uma metáfora poderosa das diversas formas de silenciamento impostas às mulheres. Nesse contexto, sua resistência silenciosa ganha ainda mais força, pois desafia as estruturas de poder que historicamente negaram voz e espaço às mulheres negras.

Por outro lado, Bibiana trilha um caminho que se destaca pelo uso da palavra como instrumento de transformação social. Enquanto Belonísia canaliza sua força para ações objetivas e silenciosas, Bibiana utiliza a educação como meio de conscientização e luta, articulando estratégias para emancipar sua comunidade. Juntas, as trajetórias dessas duas mulheres revelam diferentes formas de resistência e agência em um contexto marcado por opressões sociais, econômicas e de gênero, demonstrando o protagonismo feminino na narrativa e na transformação de suas realidades.

Ambas vão, movidas pelas dificuldades impostas pela natureza e pelas relações estabelecidas na fazenda, se engajar em um movimento da sobrevivência e permanência em Água Negra. Desde criança, Belonísia aprendera com seu pai, Zeca Chapéu Grande, que "se o ar não se movimenta, não tem vento; se a gente não se movimenta, não tem vida" (Vieira Júnior, 2019, p. 99). Consoante a isso, ela se constrói como uma mulher destemida, pronta para encarar as adversidades e intempéries, colocando seu corpo e sua energia na defesa de sua comunidade, como é característica das mulheres pertencentes às comunidades quilombolas no Brasil. Nessa realidade organizacional, as mulheres são lideranças indispensáveis na construção de lutas e laços para enfrentamentos que se impõem nas esferas culturais, econômicas e políticas.

A representatividade construída pelo autor, inspirada nas mulheres de seu ciclo familiar, faz com que essas mulheres de *Torto Arado* sejam heroínas de suas próprias histórias, assim como do grupo social ao qual pertencem. Belonísia, mesmo sem conseguir usar a linguagem verbal para se comunicar, sempre buscou deixar claros seus limites. Um dos fragmentos que representa sua força e resiliência ocorre quando seu esposo, Tobias, em estado de embriaguez, tenta intimidá-la ao jogar a comida que ela havia preparado no chão recém-limpo. Esse recorte apresenta um momento de indignação, mas também de reflexão e sabedoria de Belonísia para lidar com situações difíceis, como revelado no seguinte excerto:

> No início, encarava com inquietação os acessos de fúria que passou a apresentar. Antes eram mais contidos. Agora tinha perdido as estribeiras. Dali a pouco esse cavalo iria me bater igual ao marido de Maria Cabocla. Mas eu já me sentia diferente, não tinha medo de homem, era neta de Donana e filha de Salu, que fizeram homens dobrar a língua para se dirigirem a elas (Vieira Júnior, 2019, p. 121).

Nota-se que, de forma distinta, Belonísia também se impõe sem medo diante de situações conflituosas. Após casar-se com Tobias, ela conhece uma pessoa bem diferente daquela que a cortejava nos encontros de Jarê[1]. Desde o primeiro momento em que chega à residência de Tobias, percebe que sua estadia ali não seria fácil. Além das questões precárias de ordem estrutural e financeira, teria que lidar com o perfil de um esposo que buscava diminuir sua existência dentro de casa pelo fato de ela não conseguir se comunicar verbalmente — uma espécie de violência psicológica.

Belonísia, ao ter sua língua mutilada na infância, passou a comunicar seus sentimentos e necessidades através da voz de sua irmã, Bibiana. Com isso, podemos ponderar que a mutilação física transposta pelo autor reflete simbolicamente a opressão histórica de mulheres, sobretudo, de espaços rurais, como é o caso da personagem. Conforme trata Perrot (2005, p. 17) "o silêncio é o comum das mulheres", que vivenciam cotidianamente o silenciamento imposto pela sociedade patriarcal e a constante deslegitimação do seu dizer.

A condição de obstaculizar as vivências das mulheres em sociedade permeia não só as relações sociais concretas, mas também o universo literário. Para Maria Tatar (2022), no decorrer da história das narrativas literárias, a mulher comumente estava condicionada a um papel secundário, mesmo quando realizavam grandes feitos. No que se refere a isso, as suas ações eram sempre representadas de maneira menos ambiciosa, enquanto os homens realizavam grandes feitos heroicos. Maria Tatar (2022), ao tratar do protagonismo feminino na produção literária, discute essa significação, a qual foi retomada por Vieira Junior:

[1] Religião praticada na região da Chapada Diamantina, Bahia.

> Amputar uma língua assegura, naturalmente, que as vítimas não poderão declarar violações corporais através da fala. Elas ficam restritas aos movimentos corporais, com gestos que podem parecer grotescos ao serem provocados por seu desespero. Em espaços onde o analfabetismo é a regra, também não podem identificar os autores, inserindo-as, assim, na categoria de pessoas feridas. Como defende um historiador cultural, o simples ato físico de cortar uma língua corresponde também a violação coletiva e à falta de voz – uma representação simbólica de como as mulheres têm sido silenciadas ao longo dos tempos. O Tropo de uma língua mutilada torna-se poderoso tanto em termos simbólicos, como em termos reais (Tatar, 2022, p. 122).

A falta do órgão que possibilita a fala e a expressão é extremamente representativa nesse contexto. Para Belonísia, a luta por justiça social, assim como por melhores condições para seu povo, não provinha do conhecimento formal e das palavras, mas sim de sua imposição corporal diante das situações. Como muitas mulheres desse espaço rural, que sentem na pele, de forma mais acentuada, o silenciamento e a invalidação de sua existência, Belonísia flui seu existir. Seus posicionamentos e ações contínuas na narrativa demonstram a força e a coragem de alguém que, mesmo vulnerabilizada pela deficiência, não se paralisa diante dos problemas sociais que enfrenta e tem plena consciência do quanto suas percepções acerca daquele lugar poderiam edificar mudanças na vida das novas gerações, como fica evidente neste trecho: "[…] porque de minha boca poderiam sair muitas histórias que serviriam de motivação para nosso povo, para nossas crianças, para que mudassem suas vidas de servidão aos donos de terra, aos donos das casas na cidade" (Vieira Junior, 2019, p. 170).

Vale salientar que, em contraposição ao fazer literário que perdurou por diferentes tempos históricos, Itamar Vieira Junior toma um novo caminho: busca, em *Torto Arado*, protagonizar as mulheres negras, camponesas e descendentes de escravizados. As personagens assumem essas particularidades de força, resiliência e coragem em cada parte da narrativa. Nesse movimento narrativo, é importante destacar que Itamar Vieira Junior não busca simplesmente inverter os papéis tradicionais de representatividade entre homens e mulheres, mas sim reconhecer e resgatar as vozes silenciadas das mulheres negras e camponesas, que sempre fizeram parte da construção histórica, cultural e espiritual do povo retratado. Em *Torto Arado*, ao narrar a trajetória de Bibiana e Belonísia, o autor oferece ao leitor uma perspectiva que parte do olhar e da experiência dessas mulheres.

A FORÇA FEMININA NAS LUTAS DE BIBIANA: UMA ANÁLISE REPRESENTATIVA

Bibiana é a primeira voz feminina utilizada pelo autor para narrar a história de *Torto Arado*. Com Bibiana, acompanhamos o acidente que culminou no silenciamento de Belonísia, os relatos acerca da chegada dos moradores a Água Negra, a descrição da passagem da infância à adolescência dessas personagens, a construção da escola e seu envolvimento e, consequentemente, a fuga com seu primo Severo para outro espaço, em busca de uma vida com mais dignidade. Dessa forma, observa-se a construção de uma mulher que se forja a partir de uma vivência ativa na sua comunidade.

Compreendendo a contribuição da educação, Zeca Chapéu Grande, pai das personagens, importante líder e curador de Jarê da comunidade, em acordo com o prefeito, consegue uma escola para Água Negra, após um atendimento feito ao filho do gestor, como afirma Bibiana: "Da primeira vez, meu pai não aceitou seu pagamento, mas pediu que trouxesse um professor da prefeitura para que dessa aula às crianças da fazenda" (Vieira Junior, 2019, p. 219). A partir desse momento, além da escola, é conquistado também o serviço de uma professora que se deslocava para ensinar as crianças de Água Negra.

Apesar de se tratar de uma vitória aparentemente pequena, esse serviço engendrou novos sentimentos e associações do processo educacional com a situação que vivenciavam. Juntamente a seu primo Severo, Bibiana gestava uma indignação diante da sua realidade e projetava alçar novos voos, como é notório nesse excerto:

> Era difícil não me deixar seduzir pelos seus planos e entusiasmo. O desalento que se abateu sobre todos com a prolongada estiagem contrastava com o sopro de vida que tudo aquilo poderia ser para nós. Se tudo desse certo, voltaríamos para dar melhores condições de vida aos nossos pais e irmãos. Voltaríamos para retirá-los de lá. Aquela fazenda sempre teria donos, e nós éramos meros trabalhadores, sem qualquer direito sobre ela (Vieira Junior, 2019, p. 79).

Pensada nessa perspectiva, a educação é compreendida como ferramenta de mudança social. Tanto Bibiana quanto Severo entendiam a necessidade de se apossar de novos conhecimentos, experiências e circunstâncias para transformar a realidade individual e coletiva. Assim, como salienta Paulo Freire (1979), Bibiana e Severo são sujeitos históricos, pois suas atuações não eram aleatórias, advinham de uma profunda reflexão sobre suas condições reais e do interesse genuíno de comprometer-se com seu povo e seu lugar, como fica evidenciado no fragmento supracitado.

Enquanto Belonísia aventurava-se pelos mistérios e encantos da natureza, Bibiana nutria um sentimento de amor pela palavra. Com isso, a personagem materializa um sonho seu, mas também de seu pai, ao se tornar professora. Como docente, Bibiana não só adquiriu conhecimento científico, mas também a compreensão do processo de exploração e negação de direitos que ela e seu povo vivenciavam em Água Negra. Juntamente com Severo, seu esposo, e, em seguida, sozinha, após o assassinato dele, ela edifica essa consciência da luta como possibilidade de transformação daquele espaço.

> Bibiana havia se formado professora, falava diferente, bonito, via o orgulho de meu pai ao vê-la ensinar os filhos. Dizia que queria a filha professora da escola de Água Negra. Que falaria com o prefeito numa festa de Jarê para que desse o cargo de professora à filha, se assim fosse possível (Vieira Junior, 2019, p. 155).

É pensando na importância da palavra para um povo no qual a grande maioria foi impedida de estudar que emerge a figura de Bibiana, como alguém que não só quer alfabetizar, mas despertar os educandos para o potencial transformador do conhecimento quando usado de maneira contextualizada. Inspirada pelo pensamento de Paulo Freire, Bibiana aplica a educação como uma prática libertadora, evidenciando que a conscientização é o primeiro passo para a transformação social. Para isso, compreende que o ato de ensinar exige a "corporificação das palavras pelo exemplo"; por essa razão, ela não se paralisava no discurso, mas articulava ações objetivas para solidificar o que acreditava (Paulo Freire, 1991).

Diante disso, é válido destacar a relevância do saber na constituição da identidade do indivíduo. Identidade que é modulada pelas práticas culturais que envolvem a comunidade no decorrer de seu processo de construção, mas também, como postula Hall (2003, p. 15-16), pode ser depreendida como "um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada". É por essa razão que a educação, por ter sido compreendida por Bibiana pelo seu potencial emancipador, corroborou para o entendimento e reconhecimento do seu papel social.

Nesse sentido, visualiza-se a relação intrínseca entre a educação e a sociedade. Conforme pondera Dewey (1959, p. 149-150), “a escola não pode evitar imediatamente os ideais estabelecidos por condições sociais anteriores. Mas ela deve contribuir, através do tipo de disposição intelectual e emocional que forma, para o aprimoramento dessas condições”, de modo que Bibiana e suas ações são a materialização dessa contribuição no processo de formação, tornando possível a construção de um novo tempo, com novas condições.

Sendo professora, Bibiana se comprometeu a ser uma educadora que, antes de trabalhar o legado cultural produzido historicamente de maneira descontextualizada, trabalhou com o processo histórico de formação do seu próprio povo. Dessa forma, fez germinar nas novas gerações uma “esperança crítica” em vez de manter a ingenuidade passiva que permeou durante muito tempo o imaginário social de Água Negra, reflexo da conjuntura social na qual estavam imersos (Freire, 1979, p. 27). Como dispõe Vieira Junior (2019, p. 243), Bibiana “incutiu naquelas vidas um respeito grande por suas próprias histórias”, fomentando, com isso, não apenas o reconhecimento da trajetória, mas também o entendimento da necessidade de modificar o cenário imposto, por tanto tempo desumanizador.

REPRESENTAÇÕES DE PODER: UM OLHAR SOBRE A OBRA

A narrativa demarca, em diferentes momentos, o rompimento do silêncio de Belonísia e Bibiana, duas mulheres atravessadas por um histórico de relações que as silenciavam, desde a esfera privada até a pública. Diante dessa realidade, acompanhamos Belonísia em sua relação matrimonial, ao se impor diante do esposo em diversas ocasiões de intimidação. Visualizamos também sua coragem ao defender uma vizinha diante da covardia do marido, bem como seu desejo ardente de proteger, à sua maneira, sua comunidade e sua família. Bibiana, munida de conhecimentos científicos e do entendimento do seu contexto, também quebra as barreiras do silêncio ao lutar contra as injustiças impostas pelos proprietários da fazenda e por uma transformação capaz de proporcionar maior dignidade ao seu povo.

Em Água Negra, operam-se as mais variadas formas de exploração e dominação, sendo a subordinação e a subserviência impostas às mulheres elementos de grande destaque. Belonísia, ao sair da casa dos pais, como ela mesma afirma, deixa de ser “Belonísia de Zeca Chapéu Grande” e passa a ser “Belonísia de Tobias”, ou seja, tem sua existência condicionada à proteção e domínio de um homem (Vieira Junior, 2019, p. 116). A ausência de uma figura masculina, seja a do pai, esposo ou até mesmo irmão, deixava as mulheres expostas, conforme a concepção socialmente construída. No convívio com seu companheiro, Belonísia viu o comportamento inicial de Tobias mudar: de cavalheiro, um homem com boas pretensões, ele passou a ser hostil, alguém a quem seus esforços nunca agradavam.

Assimilado à cultura de relações machistas e violentas, Tobias, após intensificar o consumo de álcool, passou a enxergar sua esposa apenas como um objeto destinado a satisfazer suas necessidades. Desse modo, ao se ocupar das tarefas de servir o companheiro, limitando-se ao espaço doméstico ou dedicar-se à lida na terra, Belonísia tem seu valor social restringido. Essa dinâmica materializa a percepção delineada por Bourdieu (2024, p. 154) de que a “condição feminina obedece sempre à lógica do modelo tradicional da divisão entre o feminino e o masculino”. Belonísia expõe sua compreensão desse processo no seguinte fragmento:

> Sabia que, mesmo depois de muitos anos, carregaria aquela vergonha por ter sido ingênua, por ter me deixado encantar por suas cortesias, lábia que não era diferente da de muitos homens que levavam mulheres da casa de seus pais para lhes servirem de escravas. Para depois infernizarem seus dias, baterem até tirar sangue ou a vida,

> deixando rastro de ódio em seus corpos. Para reclamarem da comida, da limpeza, dos filhos mal criados, do tempo, da casa de paredes que se desfaziam. Para nos apresentarem ao inferno que pode ser a vida de uma mulher (Vieira Junior, 2019, p. 136).

Dito isso, pode-se inferir que, nessa sistematização domiciliar, de forma tácita e silenciosa, propõe-se a superioridade e a "dominação masculina", que se impõe de maneira mais veemente no espaço doméstico. No ambiente domiciliar, a violência se consumava ora de forma física, ora psicológica (Bourdieu, 2024). Entretanto, Belonísia, diferentemente de outras mulheres da comunidade, não se afligia diante das abordagens de seu esposo; pelo contrário, apenas com seu olhar, deixava absolutamente evidente o que seria capaz de lhe fazer caso ele viesse a agredi-la. Amparada pela história de coragem de sua avó Donana, mulher de grande bravura, bem como de sua mãe, Belonísia, em nenhum momento, sente medo diante do comportamento de Tobias.

As mulheres que eram referências para Belonísia ensinaram-na, na prática, a cuidar de si mesma, bem como a proteger outras mulheres de homens com o perfil de Tobias. Após a morte de seu esposo, Belonísia decidiu permanecer morando sozinha na casa, mesmo com sua família sendo contrária à escolha dela. Dessa forma, Belonísia age de acordo com os princípios de coletividade e solidariedade que regiam a comunidade e entende a necessidade de estar naquele espaço uns pelos outros.

A partir dos saberes adquiridos com o pai na lida, ela planta e colhe muitos frutos do seu próprio trabalho, compartilhando-os com os moradores que mais precisavam na comunidade. Suas habilidades e traquejo com a terra eram constantemente colocados em cheque e comparados aos dos homens da fazenda, como ela mesma apresenta no fragmento a seguir:

> Quanta gente foi adentrando na solidão de meu rancho e foi dizendo que era uma roça bonita, que era maior e mais bem cuidada que a roça de muitos homens? Se admiravam quando viam que eu trabalhava sozinha. Com os olhos, mediam meu corpo de cima a baixo, se pudessem me fariam disputar uma queda de braço com os homens, só para saber se a força para revirar a terra, para trabalhar o chão, vinha dele mesmo (Vieira Junior, 2019, p. 152).

Trata-se, então, de uma representação da mulher como uma heroína no espaço que ocupa. Belonísia trabalha sozinha na roça, realiza tarefas tradicionalmente atribuídas a homens e, com isso, causava espanto, admiração e desconforto nos outros. Seu corpo e sua presença são observados, medidos, julgados — mas também reconhecidos como poderosos.

Para Goffman (2014), esse movimento pode ser compreendido como um processo de construção de identidade social e simbólica. De acordo com Goffman (2014, p. 34), esse processo na vida cotidiana faz alusão a "toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência", ou seja, a partir de sua vivência, Belonísia se torna uma mulher de grande representatividade naquele contexto, pela sua força e disposição em contribuir para sua comunidade.

Dessa maneira, observa-se, em mais um fragmento, um exemplo de enfrentamento protagonizado pela personagem em prol de sua vizinha, Maria Cabocla:

> Meus olhos cresceram ferozes ao ver Maria no chão, que parecia não se acovardar àquela hora, dizendo que eu iria ficar. Quando ele veio para cima para tentar me retirar dali à força, meu coração estava aos pulos, sentia meu interior frio como a

> brisa da madrugada, mas permaneci firme como meus antepassados. Não foi o suficiente para evitar que Aparecido apertasse meu punho e tentasse me afastar para fora. Encostei a lâmina que escondia atrás de mim em seu queixo, olhando segura para seus olhos vermelhos e com veias que se espantaram ao ver minha reação (Vieira Junior, 2019, p. 150).

Sabe-se que, historicamente, a violência contra a mulher é utilizada como mecanismo de silenciamento. Como bem expressaram Stochero e Pinto (2024, p. 7), "romper o silêncio é um ato de ousadia e coragem, uma vez que a mulher está rompendo com tudo aquilo que lhe foi imposto como norma pela sociedade patriarcal". Ao enfrentar o agressor com a ferramenta que tinha, sem poder usar sua voz, Belonísia personifica a mulher campesina que, apesar das limitações impostas pelo próprio espaço rural, consegue, de forma heroica, afastar o perigo da residência de sua vizinha ainda que temporariamente.

Um dos momentos mais emblemáticos da representatividade de Bibiana está evidenciado em seu discurso ao povo de Água Negra, após a morte de Severo, a qual representa uma tentativa dos fazendeiros de calar as vozes que emergiam daquele chão em defesa dos trabalhadores. Ainda enlutada, ela reúne os moradores para deixar claro que daria continuidade à luta, considerando sua importância. Antes de iniciar a fala dele, o dono da fazenda, observando a movimentação, se coloca como uma figura imponente para deixá-la estarrecida, como retratado no fragmento a seguir:

> Antes que começasse a falar diante dos vizinhos e parentes, Bibiana sentiu seu corpo tremer de desconforto, ao ver que Salomão a observava de longe, de cima de um cavalo, acompanhado do atual gerente. Logo depois ele apearia, postando-se à sombra de um jatobá. Queria intimidá-la. Sua presença tinha a clara intenção de silenciar aquela reunião, ou, no mínimo, fazer com que medissem bem as palavras antes de lançá-las para fora da boca (Vieira Junior, 2019, p. 218-219).

Apesar da tentativa de amedrontá-la por parte de Salomão, Bibiana transforma o ato de falar, antes negado a muitos moradores pela opressão histórica, em um ato político, manifestando-se também como uma nova liderança do movimento. Sua voz não apenas reivindica direitos, mas também reafirma a dignidade e a memória coletiva de um povo. Bibiana mantém-se firme diante da ameaça representada pela figura de Salomão e, em seguida, profere um discurso que remete à história daquele povo e daquela terra. Entretanto, a presença corpórea do patrão serve como uma vitrine que expõe a forma tácita pela qual a violência se impõe sobre aqueles moradores, ou seja, por meio de um "poder simbólico" que, segundo Bourdieu (2001, p. 7-8), é "esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem", sendo necessário saber reconhecê-lo mesmo quando ele se concretiza de forma dissimulada.

Ciente de seu papel político, Bibiana constrói seu discurso com o objetivo de esclarecer o povo sobre seus direitos a terra e sua identificação como quilombo, destacando que a permanência deles deveria ser garantida pelo Estado. Vemos, assim, a importância dessa mulher em engendrar novas perspectivas para Água Negra, ao conscientizar a comunidade sobre a relação de "poder disciplinar" que, até então, os mantinha calados (Foucault, 2023). Com isso, ela se expressa de forma enfática, objetivando vencer o desconhecimento daqueles que a ouviam:

> Chegamos à fazenda há muitos anos, cada um aqui sabe como foi. Essa história já foi repetida muitas vezes. Mil vezes. Muitos de nós, a maioria, posso dizer, nasceram

> nesta terra. Nasceram aqui, nesta terra que não tinha nada, só o nosso trabalho. Isto tudo aqui só existe porque trabalhamos esta terra. Eu nasci aqui. Meus irmãos nasceram aqui. Crispina, Crispiniana e a família também. E os que não nasceram, já estão a maior parte de suas vidas em Água Negra (Vieira Junior, 2019, p. 219).

Esse fragmento simboliza uma atitude de extrema coragem e resiliência da personagem ao vencer o silêncio e retomar sua luta. Ao superar as barreiras e imposições sociais que foram colocadas para tolher a voz da mulher, Bibiana corporifica a importância da educação no processo formativo de sua identidade. Para Bourdieu (2024, p. 147), as mudanças que ocorreram "estão relacionadas com a transformação decisiva da função da instituição escolar na reprodução da diferença entre os gêneros, tais como o aumento do acesso das mulheres à instrução". Assim, desperta-se um novo agir que segue na contramão do medo e encara as ameaças de maneira resoluta.

Como podemos verificar, as relações de poder perpetuadas em Água Negra transcendem a esfera do poder perspectivado nos termos da soberania. Elas ultrapassam as relações envolvendo a terra e seus produtos e chegam ao controle de corpos e atos pelo poder disciplinar. Como expressa Foucault (2023, p. 291), esse poder "se exerce continuamente através da vigilância e não descontinuamente por meio de sistemas de taxas e obrigações distribuídas no tempo". Em razão disso, observa-se como tanto Belonísia quanto Bibiana tiveram seus corpos submetidos a essa articulação construída para silenciar suas atitudes e pronunciamentos.

Contudo, diferentemente do que ocorrera com gerações anteriores, essas mulheres foram tomadas por uma coragem incomum, que as impulsionou a transformar seus próprios corpos e vozes em ferramentas de luta e afirmação. Essa força não surgiu do nada: foi cultivada em um ambiente familiar que, embora marcado por desafios, também ofereceu importantes alicerces.

As mulheres da família lhes ensinaram a cuidar de si mesmas, transmitindo saberes, afetos e exemplos de resistência silenciosa, enquanto o pai, valorizando a educação, incentivava os estudos como meio de ampliar horizontes e conquistar autonomia. Essas circunstâncias, o legado feminino, o estímulo à formação e o vínculo com a terra foram fundamentais para que elas pudessem traçar novos caminhos para si e para sua comunidade, sustentadas por uma coragem que também era fruto de um enraizamento afetivo, cultural e político.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS/CONCLUSÃO

Em uma sociedade patriarcal como a brasileira, na qual historicamente se demarcaram as posições e os espaços pertencentes às mulheres no âmbito familiar, pode-se inferir que tanto Bibiana quanto Belonísia quebram barreiras simbólicas ao se mobilizarem para defender sua comunidade. Com muita bravura e força, Belonísia, que sempre esteve muito próxima do pai, cultiva seus ensinamentos no tocante à relação com a terra e com o outro e, com isso, torna-se, psicologicamente e emocionalmente, o pilar daquela família, principalmente após a morte de seu pai.

Em contrapartida, Bibiana rompe esses limites ao sair de casa, reconhecendo a necessidade de buscar e conhecer ferramentas que lhe possibilitassem condições melhores de vida. Em meio a esse movimento, tanto ela quanto Belonísia circulavam por diversos espaços na lida com a casa, com a terra, com os livros, com a maternidade, com o matrimônio, com a religiosidade, entre outros. Portanto, a representatividade dessas mulheres não se

constrói apenas ao *romperem com os papéis tradicionais* que lhes eram socialmente impostos como o de cuidadoras restritas ao espaço doméstico, mas principalmente ao ressignificarem esses papéis**.** Mesmo assumindo responsabilidades historicamente atribuídas às mulheres, como os cuidados com o lar ou os filhos, elas se apropriam dessas funções de maneira crítica e criativa, utilizando-as como ponto de partida para construir e solidificar novos modos de existir, decidir e pertencer, de acordo com suas próprias escolhas e aspirações.

Torto Arado possibilita uma releitura dos papéis destinados à mulher no campo literário, sobretudo da mulher do campo e da educação. Como resultado, temos uma narrativa permeada por histórias de enfrentamentos e resistências contra as diferentes formas de silenciamento e violência, seja física ou psicológica, que atravessam Água Negra no decorrer de sua história. Desse modo, visualiza-se o novo lugar exigido por Maria Tatar nas produções literárias: aquele que verdadeiramente corresponde às reais ações efetivadas por essas mulheres, ações que podem torná-las heroínas e figuras de grande representatividade para as novas gerações.

Pode-se verificar que as mulheres, à sua maneira, conseguiram interromper um ciclo de exploração e hegemonia em diferentes instâncias. Com isso, a partir do caminhar de Belonísia e Bibiana, é possível observar como é necessário desconstruir as percepções que negligenciam as ações realizadas pela mulher do campo, muitas vezes vista como desprovida de saberes capazes de efetivar mudanças reais.

Vítimas de um silenciamento constante, essas mulheres, mesmo sem acessar conhecimentos técnicos e científicos, enfrentam e obtêm êxito em diferentes circunstâncias em nome do que acreditam. Assim, torna-se imprescindível reconhecer também o valor da educação e seu potencial transformador. Com a jornada de Bibiana, visualiza-se como a educação um dos principais vetores para humanizar e proporcionar uma condição mais digna às pessoas. Ela, que quando negada, abre brechas para explorações pautadas em disciplinamentos de corpos, atitudes e discursos em benefício de sujeitos que se aproveitam desse desprovimento para extrair riquezas e patrimônios. Nesse sentido, o conhecimento, atrelado à coragem de agir de Bibiana, descontinuou tais práticas e oportunizou uma nova vivência em Água Negra.

Trabalhos futuros podem explorar de forma mais aprofundada a perspectiva racial e as relações de gênero presentes em Torto Arado. Além disso, há potencial para investigar como a representatividade feminina no contexto rural influencia políticas públicas voltadas à educação e ao empoderamento de mulheres do campo. Estudos comparativos com outras obras de literatura afro-brasileira também podem contribuir para ampliar a compreensão das dinâmicas culturais e sociais que permeiam a vida das mulheres em contextos rurais no Brasil.

Tanto a obra em si como seus personagens não se esgotam em si mesmos nem em nossas análises. Sendo assim, este trabalho é um raiar através dos nossos olhares e inquietações, e com ele podemos sanar algumas dúvidas e direcionar-nos para um vasto campo de possibilidades. Assim é a vida, assim é a literatura, assim também se faz resistência.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó-SC: Argos, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 23ª ed. Rio de Janeiro: Diferl, 2024.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o poder simbólico**. In: _____. O poder simbólico. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 07-16.

BRASIL. **Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania**. Brasília, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/assuntos/mulheres-do-campo-e-da-floresta/dados. Acesso em: 16 maio 2025.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. 7ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

CHIZZOTTI, Antonio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais:** evolução e desafios. Revista Portuguesa de Educação, vol. 16, n. 2, 2003, p. 221-236. Universidade do Minho, Braga, Portugal.

DEWEY, John. **Democracia e educação:** introdução à filosofia da educação. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira.** Terceira Margem, Rio de Janeiro, n. 23, p. 113-138, jul./dez. 2010. Disponível em: http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/terceiramargemonline/numero23/terceira_margem_n23.pdf#page=113. Acesso em: 12 out. 2023.

Entre Solos: semeando conexões. **Observatório Mulheres Rurais e Trabalhadoras do Campo**. 8 mar. 2023. Disponível em: https://www.entresolos.org.br/observatorio-mulheres-rurais-e-trabalhadoras-do-campo/. Acesso em: 30 out. 2024.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. **Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado.** 16ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 26ª ed. São Paulo: Cortez - Autores Associados, 1991.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12ª ed. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GOFFMAN, Erving**. A representação do eu na vida cotidiana.** Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 20ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Organização de Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo escolar**: saiba mais sobre o programa das mulheres na educação básica. 8 mar. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/saiba-mais-sobre-o-panorama-das-mulheres-na-educacao. Acesso em: 30 out. 2024.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2017.

MOROSINI, Marília Costa. Estado de conhecimento e questões do campo científico. **Educação (UESM)**, vol. 40, n. 1, p. 101-116, dez. 2015.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

PIRES BASTOS, M. E. **Enquanto a terra não for livre, eu também não sou:** o jarê da Chapada Diamantina (BA) como resgate da memória em Torto Arado. Terra Livre, [S. l.], v. 2, n. 57, p. 741–758, 2022. Disponível em: https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/2288. Acesso em: 9 set. 2023.

STOCHERO, L.; WERNERSBACH-PINTO, L. **"Eu sofria calada e certamente toda mulher é assim" – Silenciamentos:** reproduções e rupturas da violência contra as mulheres que vivem em contextos rurais. Ciência e Saúde coletiva [periódico na internet], fev. 2024. Disponível em: http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/eu-sofria-calada-e-certamente-toda-mulher-e-assim-silenciamentos-reproducoes-e-rupturas-da-violencia-contra-as-mulheres-que-vivem-em-contextos-rurais/19077?id=19077. Acesso em: 27 nov. 2024.

TATAR, Maria. **A heroína de 1001 faces:** o resgate do protagonismo feminino na narrativa exclusivamente masculina da jornada do herói. Tradução Sandra Trabucco Valenzuela. 1ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2022.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto arado**. 1ª ed. São Paulo: Todavia, 2019.

Editores do artigo

Jandresson Dias Pires e Mariana Mapelli de Paiva